

O ESTADO ISLÂMICO

Bianca Vince Lauria

Henrique Roder Silva

Poliana Garcia Ribeiro¹

BREVE RETOMADA HISTÓRICA

Em 29 de junho de 2014, o grupo fundamentalista sunita Estado Islâmico (EI), declarou o estabelecimento do califado islâmico que designou Ibrahim ibn Awad, mais conhecido como Abu Al-Baghdadi, como califa da região situada ao noroeste do Iraque e em parte da região central da Síria. A história desse grupo jihadista², porém, está relacionada com outro processo histórico mais antigo, do início do século VII. Logo após a morte de Maomé, profeta fundador do islamismo e responsável por seu livro sagrado, o Corão, seus seguidores concordaram com a criação de um califado, que consistiria em uma sucessão do governo maometano com um novo sistema de governo. O califa seria literalmente um sucessor do profeta como chefe da nação e líder político, religioso e militar da comunidade muçulmana, com poder para aplicar a Lei Islâmica (*Sharia*).

Apesar do consenso sobre a existência de um governo baseado na religião, no momento de decidir quem ocuparia a posição de principal líder houve uma ruptura principalmente

entre duas vertentes: a dos sunitas e a dos xiitas. Os xiitas defendiam que o sucessor fosse da família de Maomé, porém como o profeta não havia tido filhos homens, o pretendido pelo grupo seria seu genro Ali ibn Abi Talib, casado com sua filha Fátima. Os sunitas, grupo majoritário, ao qual pertencem cerca de 90% total dos muçulmanos³, por sua vez, acreditavam que como o profeta não possuía herdeiro legítimo, qualquer

fiel poderia se candidatar à sucessão, desde que a comunidade aceitasse o candidato por consenso.

Devido à necessidade de escolher um sucessor o quanto antes e sob a justificativa de que Ali seria jovem e inexperiente demais para o cargo, Abu Bakr, grande amigo do profeta, se tornou califa, apesar das queixas dos xiitas. Antes de morrer, Abu indicou seu sucessor que, por sua vez,



Emblema do EIIL

Islamic State in Iraq and the Levant



Combatentes do EIL

criou um conselho para decisão do próximo califa. O indicado por esse conselho foi Uthman ibn Affan, o que acabou por acirrar os conflitos, já que era membro de uma família rica e considerado possuidor de privilégios que Maomé havia combatido. A crise teve como consequência o assassinato de Uthman por rebeldes e a abertura para que Ali se tornasse califa, conforme a vontade dos xiitas. Naquele contexto, a divisão entre as vertentes já estava muito profunda e, cinco anos mais tarde, Ali também foi assassinado por um opositor. O próximo califa foi novamente o de preferência dos sunitas e desde então inúmeros conflitos foram travados e sub-vertentes surgiram dentro da complexidade que é a comunidade islâmica.⁴

Apesar dessa diferença em relação à liderança entre sunitas e xiitas, o califado tem características comuns importantes que podem explicar a conduta do Estado Islâmico. A ex-

pansão do território do Islã sempre representou um importante papel do califado e o sistema de governo foi considerado um símbolo da unidade islâmica. No campo político, os sunitas sempre se mostraram mais radicais, utilizando atentados como forma de protesto, visibilidade e imposição de autoridade.

Após os atentados de 11 de setembro de 2001 (praticados por membros da organização sunita Al-Qaeda), os Estados Unidos da América (EUA) invadiram o Iraque em 2003 e, sob o pretexto de combater o terrorismo, derrubaram o ditador Saddam Hussein e declararam seu partido – Baath – ilegal, marginalizando os sunitas como um todo. A vertente foi também reprimida por governos xiitas que se revezaram no poder, especialmente o do premiê Nouri al-Maliki.

A ocupação do Iraque não foi pacífica e os norte-americanos enfrentaram

uma grande resistência de diversos grupos militares iraquianos, dentre eles o Jama'at al-Tawhid wal-Jihad, que existia desde 1999 e era liderado pelo jordaniano Abu Musab al-Zarqawi. Em 2000, o grupo firmou aliança com Osama Bin Laden, mudando seu nome para Tanzim Qaidat al-Jihad fi Bilad al-Rafdayn, ou Al Qaeda do Iraque (AQI). Em meados de 2006, o líder al-Zarqawi foi morto por um ataque aéreo promovido pelos EUA, levando Abu Omar al-Baghdadi ao comando do grupo.⁵

Em 2011, a AQI recebeu apoio financeiro do Ocidente para entrar na guerra civil síria ao lado dos rebeldes. No mesmo ano, os EUA retiraram parte de suas tropas do Iraque. Apesar da elaboração de uma nova constituição e da transformação do país em uma república parlamentarista, os ataques na região continuaram, abrindo espaço para a estruturação de um novo grupo. Em 2013, Abu Bakr Al-Baghdadi anunciou a

unificação das forças do Iraque e da Síria (Frente Al-Nusra) numa só organização, o Estado Islâmico do Iraque e do Levante (EIIL, ou ISIS, sigla em inglês). A Frente Al-Nusra, no entanto, se negou a aderir ao grupo. Os dois grupos agiram separadamente até janeiro de 2014, quando se instaurou um conflito entre eles. Nesse momento de ampliação das ações para a Síria, o EIIL rompeu seus laços com a Al-Qaeda, contestando a autoridade de seu líder e rejeitando seu pedido para que permanecesse no Iraque, deixando a Síria sob controle das ações da Al-Nusra.⁶ Após as ofensivas que levaram o grupo a conquistar dezenas de cidades, em junho de 2014 foi declarado o califado do Estado Islâmico.

FORÇA, PATROCÍNIO E ABRANGÊNCIA

Aproveitando-se da circunstancial fragilidade política e insatisfação popular nas áreas de atuação, o Estado Islâmico ganhou terreno rapidamente junto à comunidade sunita, com a incorporação de outros grupos, aliança com comandantes militares de Saddam Hussein e funcionários do Partido Baath, expulsos de seus cargos após a invasão. Posteriormente, o EI se beneficiou da entrada de dinheiro e da adesão de combatentes vindos de diversas partes do mundo. A principal fonte de financiamento do Estado Islâmico é o petróleo iraquiano. O grupo controla, desde junho de 2014, uma parte importante da indústria de petróleo do Iraque, no norte do país, e exerce controle sobre o campo de gás de Shaar e Baiji, onde está situada a maior refinaria iraquiana. Segundo pesquisas da Bloomberg, o EI consegue aproximadamente dois milhões de dólares por dia só com a venda de petróleo, que ocorre por intermediários na Síria e na Turquia, em mercados negros

com o preço muito inferior ao do mercado internacional.⁷

Além da riqueza proveniente dessas fontes energéticas, segundo o jornalista Cockburn, outra fonte de apoio financeiro vem da Arábia Saudita e de países do Golfo que já teriam fornecido milhões de dólares para que combatessem os xiitas e seus aliados. Ironicamente, alguns dos países que apoiaram financeiramente o grupo há alguns anos, hoje fazem parte da coalizão contrária a eles. O EI também apreendeu grandes quantidades de armas do exército iraquiano e grupos armados sírios contra os quais luta. Outras formas de arrecadação do grupo são atividades ilegais como roubos a bancos, contrabando de carros e armas, bloqueio de estradas, sequestros e venda de antiguidades saqueadas no mercado negro, e o sistema de impostos instalado nas áreas conquistadas. Na Síria, o grupo chegou, inclusive, a desmantelar fábricas inteiras e vender suas estruturas na Turquia.⁸

Outro quesito que tem chamado a atenção de pesquisadores e da mídia como um todo, é a quantidade de combatentes que o grupo tem conseguido reunir, vindos de diversos países do mundo. Alguns pesquisadores, como o alemão Jochen Müller, que estuda o islamismo e é especializado em jovens imigrantes, apontam como fatores que colaboram para a atração de muitos jovens para servirem como combatentes: o discurso veemente e acalorado realizado pelo Estado Islâmico; a falta de perspectivas de futuro; situações sociais de não aceitação, por exemplo, o preconceito em relação à etnia árabe e à religião islâmica, acirrado desde os atentados de 11 de setembro; e carência de um sentimento de pertencimento a uma comunidade que lhes represente.⁹

Quanto à quantidade de combatentes lutando pelo EI, os números são imprecisos e se alteram dependendo da fonte consultada. O 16º relatório da equipe designada pelo Conselho de Segurança da ONU (CSNU) para o monitoramento da Al-Qaeda contabilizou que, no ano de 2014, mais de 15 mil estrangeiros viajaram para a Síria e o Iraque a fim de lutar ao lado do Estado Islâmico e outros grupos extremistas.¹⁰ Já o Observatório de Direitos Humanos da Síria afirma que o exército do Estado Islâmico possui 50 mil homens somente na Síria, dos quais 20 mil são estrangeiros. No Iraque o próprio grupo afirma ter um total de 30 mil membros.¹¹

As nacionalidades dos estrangeiros que se juntaram ao Estado Islâmico também são difíceis de precisar. Segundo o relatório do Comitê do CSNU, os estrangeiros viriam de mais ou menos 80 países diferentes. De acordo com um relatório elaborado pelo Soufan Group¹², a estimativa é de que existam 800 russos, 700 franceses, 400 britânicos e ao menos 70 estado-unidenses lutando pelo Estado Islâmico. Entre outros países de origem estão a Austrália, Alemanha, Bélgica, Marrocos, Argélia e Tunísia.¹³

Em relação ao alcance territorial do grupo, o califado declarado pelo Estado Islâmico tem um caráter expansionista e não reconhece as fronteiras políticas instaladas no Oriente Médio. O grupo realiza sucessivos ataques em diversas cidades na Síria e no Iraque, sempre visando aumentar sua extensão territorial e ignorando os governos já implantados nessas regiões. Em novembro de 2014, o califa Abu Al-Baghdadi divulgou uma gravação na qual dizia que o Estado Islâmico nunca cessará sua luta e que o califado ainda irá se estender pela Arábia Saudita, Iêmen, Argélia,

Líbia e Egito.¹⁴ Atualmente, controlam grande parte do Iraque (predominantemente o noroeste do país) e da Síria (região central), incluindo cidades relevantes estrategicamente devido aos recursos naturais nelas encontrados, como Raqqa, na Síria e Mossul, no Iraque.¹⁵

AÇÕES E REAÇÕES

Uma característica específica do Estado Islâmico é mostrar sua superioridade frente a outros grupos islâmicos existentes e também chocar o Ocidente (e os opositores de regiões mais próximas) com suas ações. As execuções praticadas pelo grupo extremista são pontuais e planejadas, divulgadas principalmente via internet. O Estado Islâmico se utiliza de decapitações de opositores em praças públicas. A decapitação dos jornalistas norte-americanos e de um agente humanitário britânico, por exemplo, foi acompanhada de discursos contendo ameaças (ao governo dos EUA

e seus aliados) e todo o processo foi filmado e disponibilizado *online*. O grupo utiliza outros métodos de extrema violência como crucificações, apedrejamentos, sepultamento de pessoas ainda vivas e diversos outros crimes contra a humanidade como execuções em massa, limpeza étnica, perseguição de minorias religiosas, abusos sexuais e destruição de patrimônio cultural da humanidade.

Devido a essas ações, diversos países como Reino Unido, Estados Unidos da América, Austrália, Canadá, Turquia, Arábia Saudita, Indonésia, Emirados Árabes Unidos, Israel, Malásia, Egito, Índia e Rússia, e organizações internacionais como a ONU, através do Conselho de Segurança, e a União Europeia passaram a denominar oficialmente o grupo como terrorista.¹⁶

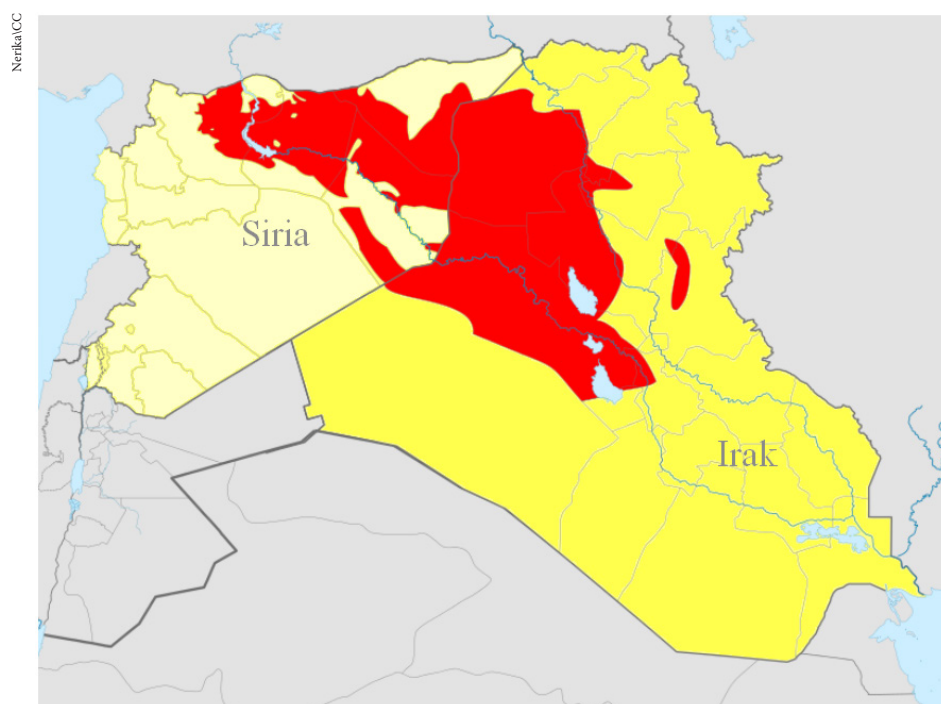
Em setembro de 2014 os EUA enviaram seu Secretário de Estado ao Oriente Médio com o objetivo de

encontrar aliados para a formação de uma coalizão contra o grupo.¹⁷ Diversos países pró-ocidente garantiram apoio, tanto na questão militar quanto no que diz respeito ao controle de fronteiras e repressão ao financiamento do EI. A coalizão conta com 30 países - incluindo diversos países europeus, o Japão, Coreia do Sul, Canadá, Arábia Saudita, Iraque, Síria, entre outros - e vem bombardeando as regiões ocupadas pelo Estado Islâmico desde agosto de 2014 no Iraque e desde setembro daquele ano na Síria.¹⁸ Não se tem informações sobre a quantidade exata de alvos do EI que foram destruídos, mas o Observatório Sírio de Direitos Humanos alerta que apesar de os ataques serem dirigidos a membros do grupo, muitos civis têm morrido.¹⁹

Toda a violência gerada pelo conflito tem como outra consequência o deslocamento, em más condições, de milhões de pessoas. De acordo com o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), até 20 de fevereiro de 2015, quase quatro milhões de pessoas já deixaram a Síria, tendo como destino principalmente a Turquia e o Líbano, e aproximadamente dois milhões de Iraquianos tiveram que deixar suas casas para morar em outras partes do país ou encontrar refúgio em países vizinhos.²⁰ Os problemas humanitários relacionados a esses deslocamentos são inúmeros e o ACNUR tem feito constantes campanhas financeiras, atreladas a reuniões de negociações de cessar-fogo por enviados da ONU, para conseguir que a ajuda humanitária chegue aos necessitados.

INTERESSES QUE UNEM, COMPLEXIDADES QUE SEPARAM

Apesar dos empenhos da coalizão contrária ao Estado Islâmico, suas ações não têm tido sucesso significa-



Território sob domínio do Estado Islâmico

tivo no combate contra o grupo. O Estado Islâmico permanece forte e sob o comando das áreas estratégicas da Síria e do Iraque, a despeito das mortes e destruições causadas pelos bombardeios. A coalizão vive um momento de diminuição gradativa do apoio de ações concretas de alguns países. Essa diminuição pode estar relacionada ao maior dilema enfrentado pela coalizão – alguns dos membros, como a Turquia, os Emirados Árabes Unidos, a Arábia Saudita, o Catar e os países do Golfo, acreditam que a deposição do presidente sírio Bashar Al-Assad é imprescindível para que se consiga realmente atingir o Estado Islâmico, enquanto outros, como o Iraque, são contrários à deposição. Os EUA se vêm de certa forma encurralados nesta situação, já que, se por um lado acusam o presidente Sírio pelas inúmeras mortes da guerra civil síria que já dura quatro anos, por outro, alguns militares britânicos e franceses acreditam que os EUA podem estar reconhecendo o exército sírio como a força terrestre cooperante mais eficaz naquele país. A importância estratégica do Iraque nessa luta, e o apoio do país ao presidente Assad é outro fator que dificulta o consenso sobre o assunto dentro da coalizão.²¹

Percebe-se que os países onde ocorrem os conflitos possuem complexidades internas e de relacionamento externo que agravam as questões relacionadas ao Estado Islâmico. Nesse contexto, é relevante citar o caso da Turquia, que possui uma minoria curda importante no país, a qual tem vertentes separatistas radicais, como é o caso do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK). Devido a suas ações violentas e engajamento em luta armada contra o Estado turco, o PKK é considerado uma or-

ganização terrorista por diversos Estados e organizações, incluindo os EUA e a União Europeia. Pela proximidade do país com os locais de conflito e pelos ataques realizados pelo Estado Islâmico contra a minoria, os curdos entraram pesadamente na luta armada contra o EI. Ao mesmo tempo em que os curdos se configuram como aliados importantes na luta contra o EI, apoiando combatentes *peshmergas* (termo referente a curdos armados), a situação não é bem vista pelo governo turco, que autoriza o apoio aos *peshmergas* com a condição de que não sejam membros do PKK, temendo uma posterior revolta interna pela formação de um Estado Curdo independente.²²

O Estado Islâmico tem aumentado suas alianças, que também encontram dificuldades na prática. Recentemente, o grupo jihadista do norte da Nigéria, Boko Haram, jurou fidelidade ao califa Al-Baghdadi, do Estado Islâmico.²³ O califa respondeu positivamente ao juramento de fidelidade, aceitando

a formação de uma aliança entre eles. A aproximação entre esses dois grupos preocupa a comunidade internacional pela possibilidade de aumento de forças e da extensão do território do suposto califado. No entanto, percebem-se dificuldades da materialização prática dessa união, pela distância física entre os países e pela diferença dos cenários enfrentados por cada um dos grupos jihadistas. A aliança pode ser vista, pelo menos nesse primeiro momento, como uma forma de demonstrar crescimento e força, pelo lado do EI, e um aumento de visibilidade para o Boko Haram, tradicionalmente menos divulgado pela mídia internacional. No entanto, tanto essa aliança já consumada, como o esboço de aproximação que vem surgindo de grupos jihadistas no Egito e na Líbia²⁴, por mais que possam ter um caráter propagandístico e possivelmente ocasional, agravam a ameaça que representa o Estado Islâmico para Oriente Médio e partes da África, com consequências para o âmbito maior da segurança internacional.



Militante do Estado Islâmico

- ¹ Bianca Vince Lauria, Henrique Roder Silva e Poliana Garcia Ribeiro Discentes do Curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) - Campus de Marília e membros do Observatório de Conflitos Internacionais (OCI).
- ² O termo árabe *jihad* significa “luta”, “esforço” e é considerado um dos pilares da fé islâmica, no sentido de que é necessário um empenho para o crescimento espiritual de cada praticante e também pela busca de uma humanidade melhor, através da difusão do islamismo. No ocidente, o termo é comumente traduzido como “guerra santa” e, apesar de original e etimologicamente não ter esse sentido, é utilizado para designar grupos que travam guerras ou realizam atos violentos em nome da difusão da religião islâmica.
- ³ MAPPING the Global Muslim Population. *Pew Research Center*. 7 out. 2009. Disponível em: <<http://www.pewforum.org/2009/10/07/mapping-the-global-muslim-population/>>. Acesso em: 18 março 2015.
- ⁴ MUNIZ, Mônica. *As origens do Islamismo*. Disponível em: <<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=225>>. Acesso em: 12 abr. 2015; SOUZA, Rainer. Xiitas X Sunitas. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/historiag/xiitas-x-sunitas.htm>>. Acesso em: 12 abril 2015.
- ⁵ ASSIS, Bruno. 7 coisas que você precisa entender sobre o Estado Islâmico. *Super Interessante*. 8 out. 2014. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/blogs/superlistas/tag/estado-islamico/>>. Acesso em: 14 março 2015.
- ⁶ ENTENDA as diferenças e semelhanças entre Al-Qaeda e Estado Islâmico. G1. São Paulo, 16 jan. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/entenda-diferencas-e-semelhancas-entre-al-qaeda-e-estado-islamico.html>>. Acesso em: 16 abril 2015.
- ⁷ POLSON, James. Islamic State Earns \$800 Million a Year From Oil Sales. *Bloomberg*. 20 out. 2014. Disponível em: <<http://www.bloomberg.com/news/articles/2014-10-20/islamic-state-earns-800-million-a-year-from-oil-sales>>. Acesso em: 18 março 2015.
- ⁸ COCKBURN, Patrick. *The Jihadis Return: ISIS and the New Sunni Uprising*. Londres/Nova Iorque: Or Books, 2014.
- ⁹ TAUBE, Friedel. Religião é só um pretexto para jovens se radicalizarem, diz especialista. *DW*. 23 set. 2014. Disponível em: <<http://dw.de/p/1DHP9>>. Acesso em: 18 março 2015.
- ¹⁰ UNITED NATIONS. Security Council. S/2014/770. *Sixteenth Report of the Analytical Support and Sanctions Monitoring Team submitted pursuant to resolution 2161 (2014) concerning Al-Qaida and associated individuals and entities*. Disponível em: <http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=S/2014/770>. Acesso em: 18 mar. 2015.
- ¹¹ ISLAMIC state ‘has 50,000 fighters in Syria’. *Aljazeera*. 19 ago. 2014. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2014/08/islamic-state-50000-fighters-syria-201481918425_8421392.html>. Acesso em: 18 mar. 2015.
- ¹² BARRETT, Richard. Foreign Fighters in Syria. Soufan Group. Jun. 2014. Disponível em: <<http://soufangroup.com/wp-content/uploads/2014/06/TSG-Foreign-Fighters-in-Syria.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2015.
- ¹³ Idem
- ¹⁴ ENTENDA..., op. cit.
- ¹⁵ ISIS’S advance in Iraq. *Financial Times*. Disponível em: <<http://www.ft.com/ig/sites/2014/isis-map/>>. Acesso em: 26 mar. 2015.
- ¹⁶ Lista disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Estado_Isl%C3%A2mico_do_Iraque_e_do_Levante_#Designa.C3.A7.C3.A3o_como_organiza.C3.A7.C3.A3o_terrorista>. Acesso em: 25 abril 2015.
- ¹⁷ OBAMA envia Kerry ao Oriente para formar coalizão contra o Estado Islâmico. G1. São Paulo, 28 ago. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/08/obama-envia-kerry-ao-oriente-para-construir-coalizao-regional-contra-ei.html>>. Acesso em 25 abril 2015.
- ¹⁸ COALIZÃO internacional já lançou cinco mil bombas contra o Estado Islâmico. G1. 08 jan. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/coalizao-internacional-ja-lancou-5-mil-bombas-contra-estado-islamico.html>. Acesso em 25 abril 2015.
- ¹⁹ MORE than 850 killed in 50 days of coalition air strikes. *Syrian Observatory for Human Rights*. 12 nov. 2014. Disponível em: <<http://www.syriahr.com/en/2014/11/more-than-850-killed-in-50-days-of-coalition-air-strikes/>>. Acesso em: 25 abril 2015.
- ²⁰ BATTLE for Iraq and Syria in maps. *BBC*. Reino Unido, 24 abr. 2015. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-middle-east-27838034>>. Acesso em 25 abril 2015.
- ²¹ URBAN, Mark. A ofensiva contra o Estado Islâmico está dando certo? *BBC*. Reino Unido, 8 fev. 2015. Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2015/02/150208_analise_estado_islamico_coalizao_balanco_lgb. Acesso em: 25 abril 2015.
- ²² COMBATENTES curdos iraquianos chegam a Kobani para reforçar luta contra Estado Islâmico. *O Globo*, 29 out. 2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/combatentes-curdos-iraquianos-chegam-kobani-para-reforcar-luta-contra-estado-islamico-14395371>>. Acesso em: 19 abr. 2014.
- ²³ ISIS accepts allegiance of Nigeria jihadists Boko Haram. *Al Arabiya News*. Bagdá, 13 mar. 2015. Disponível em: <<http://english.alarabiya.net/en/News/middle-east/2015/03/13/ISIS-accepts-allegiance-of-Nigeria-jihadists-Boko-Haram.html>>. Acesso em: 29 mar. 2015.
- ²⁴ ISLAMIC State hails Boko Haram allegiance, threatens Jews and Christians, *The Times of Israel*. 13 mar. 2015. Disponível em: <<http://www.timesofisrael.com/islamic-state-hails-boko-haram-allegiance-threatens-jews-and-christians/>> Acesso em: 29 mar. 2015; VENTAS, Leire. Que perigo traz a aliança entre Estado Islâmico e Boko Haram? *BBC Brasil*. 17 mar. 2015. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2015/03/150317_boko_haram_ei_alianza_lgb#orb-banner>. Acesso em: 29 mar. 2015.

Série Conflitos Internacionais é editada pelo Observatório de Conflitos Internacionais da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (UNESP) - Campus de Marília - SP

Editor: Prof. Dr. Sérgio L. C. Aguiar
Layout: Paula Schwambach Moizes
ISSN: 2359-5809
Comentários para: oci@marilia.unesp.br
Disponível em: www.marilia.unesp.br/#oci

Série Conflitos Internacionais mais recentes:

Rússia e Política de Influência V. 1, n. 1

Congo - A atual dinâmica do conflito e a rendição do M23 V. 1, n. 2

Oriente Médio: islamismo e democracia V. 1, n. 3

As invasões russas na Geórgia (2008) e na Criméia (2014) V. 1, n. 4

A Nigéria e o Boko Haram V. 1, n. 5

A guerra civil síria, o Oriente Médio e o sistema internacional V. 1, n. 6

Colômbia: as FARC e os diálogos de paz V. 2, n. 1